



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

MÔNICA LIRA LIMA

EDITH STEIN: O PAPEL DA MULHER NA EDUCAÇÃO

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

MÔNICA LIRA LIMA

EDITH STEIN: O PAPEL DA MULHER NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732e Lima, Monica Lira.
Edith Stein [manuscrito] : papel da mulher na educação /
Monica Lira Lima. - 2019.
22 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Filosofia da educação. 2. Vocação profissional. 3. Ethos
profissional. I. Título
21. ed. CDD 370.1

MÔNICA LIRA LIMA


EDITH STEIN: O PAPEL DA MULHER NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Filosofia.


Orientadora: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira

Aprovada em: 06/06/2019.

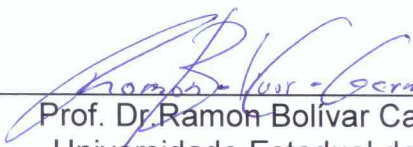
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ramon Bolívar Cavalcanti Germano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Às minhas filhas Taynara e Tayani, à
minha família e amigos, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

“A alma da mulher deve ser ampla e aberta a tudo o que é humano” Edith Stein.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 A QUESTÃO DA MULHER..... | 10 |
| 2.1Vocação e Ethos profissional..... | 14 |
| <i>2.1.1 Profissão sem vocação natural.....</i> | <i>18</i> |
| 2.2 Educação..... | 19 |
| 3 CONCLUSÃO | 21 |
| REFERÊNCIAS..... | 22 |

EDITH STEIN: O PAPEL DA MULHER NA EDUCAÇÃO

Mônica Lira Lima*

RESUMO

Neste trabalho procura-se apresentar algumas ideias de Edith Stein sobre a educação, a formação e a vocação da mulher, não deixando de considerar o ser humano na sua completude. A referência de base para o estudo apresentado é o texto de Edith Stein, *A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. O artigo está dividido em seis partes. 1. *Introdução*, onde é feita uma pequena apresentação da autora estudada; 2. *A questão da mulher*, onde se pode ver que alguns pontos da formação de Edith Stein se cruzam, sobretudo com as Sagradas Escrituras; 3. *Vocação e Ethos profissional*, onde se pensa a ideia da vocação e do seu exercício; 4. *Profissão sem vocação natural*, onde Stein reflete sobre algumas profissões exercidas mais por necessidade do que por vocação; 5. *Educação*, onde se apresenta algumas ideias sobre a educação no sentido steiniano. Por fim, 6. *Conclusão*, onde se retoma um pouco do que foi apresentado.

Palavras-chave: Mulher. Vocação. Educação. Profissão.

ABSTRACT

In this paper we try to present some ideas of Edith Stein about the education, formation and vocation of the woman, not ceasing to consider the human being in its completeness. The basic reference for the study presented is the text by Edith Stein, *The Woman: her mission according to nature and grace*. The article is divided into five parts. 1. Introduction, where a small presentation of the author studied is made; 2. The question of women, where one can see that some points of Edith Stein's formation intersect, especially the Sacred Scriptures; 3. Vocation and professional Ethos, where one thinks the idea of the vocation and its exercise; 4. Profession without natural vocation, where Stein reflects on some professions exercised more by necessity than by vocation; 5. Education, which presents some ideas about education in the Steinian sense. Finally, 6. Final considerations, where it takes a little bit of what was presented.

Keywords: Woman. Vocation. Education. Profession.

* Aluna do curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Email: monica.limaa123@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho iremos relatar um pouco da vida e mais especificamente tecer algumas reflexões sobre o livro *A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*, de Edith Stein: filósofa, pedagoga e fenomenóloga. Sua obra reflete sobre muitos temas, como gênero, escritos pedagógicos, cartas, poesias, escritos autobiográficos, estudos científicos e conferências.

Nascida em Breslávia (atual Polônia, antigo Reino da Prússia), em 12 de outubro de 1891, era de uma família judia e de uma profunda religiosidade. Seu pai, comerciante, morreu quando ela tinha apenas dois anos de idade, sua mãe teve que criar os filhos sozinha, e ainda cuidava dos negócios da família. Foi a partir daí que teve sua mãe como sua maior inspiração e espelho em virtudes, e nessa observação viu na sua determinação que a mulher poderia ter uma profissão, levando em conta o período em que se encontrava. Nessa época a mulher tinha poucos direitos, como o de votar e o de trabalhar. Edith Stein também passou pelas duas grandes Guerras Mundiais e sofreu em sua própria pele as consequências da discriminação e do desrespeito por ser uma judia. Teve seu ingresso na universidade de Breslávia, no ano de 1911. Quando iniciou seus estudos, poucas mulheres tinham a oportunidade de ingressar em estudos universitários. Em 1913, começou a frequentar as aulas de Husserl em Göttingen, onde foi sua aluna e assistente.

No ano de 1921, converteu-se ao catolicismo, após sua leitura de *O Livro da Vida* de Santa Tereza d'Ávila (onde ela diz ter encontrado a verdade). Em 1922 foi batizada. Sua busca pela verdade sempre foi intensa, e com isto buscava também a dignidade humana. Tudo isso a fez encontrar o verdadeiro e único caminho em Deus. Então, no ano de 1923 foi professora no Instituto Santa Maria Madalena, das Dominicanas. Depois entrou para a ordem Carmelita de Colônia em 1934, recebendo assim o hábito e o nome de Tereza Benedita da Cruz, tendo se refugiado no convento Carmelita de Echt (Holanda), quando se intensificaram as perseguições aos judeus.

Apesar disso, foi captura e sua morte aconteceu numa câmara de gás em Auschwitz em 1942. Ela foi beatificada em 1 de maio de 1987, em Colônia (Alemanha) e canonizada pelo Papa João Paulo II, no ano 1988.

Como se pode observar, toda trajetória de Edith Stein encontra-se marcada por uma busca do conhecimento, identificada por uma vida de experiências. Uma mulher que percorre um caminho de busca da verdade, nunca deixando de lado seus valores. Uma pensadora que passou por muitas fases até chegar ao seu estágio final de mártir. Seu trabalho foi todo desenvolvido de forma extraordinária, relacionado a um crescimento e dignidade humanos e a uma educação de valores. Para ela, toda a formação está voltada para o ser, desde o seu interior, mas para isso é preciso que exista o auxílio externo de um formador. Logo, para ela, a formação é um processo evolutivo e construtivo, e este processo faz com que todo ser humano tenha um crescimento e atinja o seu fim.

Assim, a natureza da formação feminina para Edith, foco deste trabalho, é de extrema importância e terá que ser exercida de modo que corresponda a sua dupla vocação: natural e sobrenatural. E seja qual for a escolha, a vocação da mulher deve ser sempre fiel à graça de Deus², independente de qual for seu estado de vida ou ocupação profissional.

Ela considerava importantíssima a educação na formação do ser humano e na construção da sociedade. Sua preocupação maior era na formação feminina, no entanto essa formação teria uma base masculina e feminina, segundo a ordem originária, passando pela ordem natural e chegando na formação cristã.

Na educação do ser humano por completo, ela aborda uma educação que não seja só baseada em conceitos teóricos, mas sim numa formação integral da pessoa humana. Neste sentido, também abordaremos o *ethos* da profissão feminina, que corresponde ao *ethos* vocacional, que descreve toda trajetória que a mulher deve seguir que, de acordo com Stein, terá um embasamento na sua vocação cristã e nas profissões consideradas especificamente femininas, e as profissões sem a vocação que são abordadas como escolhas próprias com base na sua necessidade social. De toda forma, independente das escolhas, a mulher sempre estará apta a exercer qualquer profissão.

²Como podemos ler no Prefácio feito pelos Editores do livro em apreço: “Dessa maneira, Edith Stein se aproxima com determinação interior da atitude ideal e do modo de vida do educador religioso. Aberta à ação da graça nas profundezas da própria alma, ela mesma vai dando forma à mulher que está totalmente entregue à tranquilidade exterior e interior” (GELBER, 1999, p.9).

2 A QUESTÃO DA MULHER

Edith Stein argumenta que, para haver um ideal de formação do ser humano é preciso que aconteça um estado de harmonia na natureza dessa pessoa, e essa formação só poderá ocorrer quando for equilibrada na sua alma (interior).

Para que isso ocorra de forma ideal na prática, todo o trabalho de Stein teve seu pensamento voltado para a questão e a preocupação com o ser humano em sua totalidade. No entanto, ela leva em conta os textos da Sagradas Escrituras (Gênesis), tendo em sua visão antropológica o homem e a mulher como imagem e semelhança de Deus. Após sua entrada na vida religiosa, conclui que na formação do ser humano seria ideal que houvesse um entendimento e uma disciplina tida pela natureza do educando. Então para ela essa formação só seria harmoniosa quando fosse obtida do interior do educador, pois esse precisaria ter um conhecimento da imagem clara do ser humano e só assim o educador se adaptaria da melhor maneira ao interior do educando que lhe foi confiada.

Mas, além disso, Edith Stein, como professora, sempre teve uma preocupação especial que era com a formação das meninas e moças, e como docente universitária, a formação da mulher. Todo esse pensamento a leva a uma investigação: a da essência e da missão da mulher, e concisamente a um ajuste e orientação da prática da educação feminina, neste sentido, como escrever GELBER, 1999, p.23:

No centro desses estudos de Edith Stein está o reconhecimento da peculiaridade da mulher e de seu valor próprio. A autora mostra a necessidade fundamental de dar às meninas e moças uma educação apropriada à sua maneira de ser feminina. Daí as suas exigências em relação às escolas femininas: - educação dos sentimentos em lugar de uma formação unilateralmente intelectual; o conteúdo das diversas matérias deve ser escolhido e tratado de tal maneira que promova a concentração da moça na realidade viva e no ser humano concreto.

Edith Stein descreve a essência e a missão da mulher nas seguintes palavras: “O que somos e o que devemos ser” (STEIN, 1999, p.105). E acrescenta:

Tentamos lançar um olhar para dentro do mais íntimo de nosso ser, descobrimos que não se trata de um ser, descobrimos que não se trata de um ser pronto e, sim, de um vir-a-ser, e procuramos então esclarecer esse processo do vir-a-ser. O que somos e quem nos tornamos não permanece encerrados dentro de si mesmo, antes precisa propagar-se e ter consequências: mas todo o ser e vir-a-ser e atuar no tempo é disposto desde a eternidade e tem um sentido para eternidade e só se torna claro para nós na medida em que nos colocamos na luz da eternidade (STEIN, 1999, p.106).

No entanto, quando levamos em conta a ontologia da espécie humana, vemos que ela se revela em duas formas, que será a espécie feminina e a espécie masculina. Nesse caso, essa espécie efetuada de variações e formas depende da estrutura de cada ser humano, agindo de acordo com cada indivíduo das duas espécies. Essa modificação vem do seu interior, fazendo com que cada indivíduo dentro da sua espécie se forme segundo sua predisposição natural.

No sistema steiniano é possível pensar a natureza da mulher como uma disposição tripla: o desdobramento da sua humanidade, de sua feminilidade, de sua individualidade (STEIN, 1999, p. 211). Nesse momento, ao se tratar do indivíduo humano, único, sua natureza não pode ser dividida em três, mas apenas em uma, como nos mostra Stein:

Vimos prenunciado na natureza da mulher uma tripla exigência: o desenvolvimento de sua humanidade, de sua feminilidade e de sua individualidade. Não se trata de finalidades separadas, assim como também a natureza do indivíduo humano concreto não é dividida em três e, sim, uma só: a natureza humana em sua forma especificamente feminina e individual. É só no pensamento abstrato que nos vemos obrigados a analisar separadamente aquilo que na idéia é separável (STEIN, *idem*, p. 211-212).

Então, segundo Edith, essa espécie perfeita, do protótipo da natureza feminina, só se encontra quando está fundamentada na teoria da verdade da fé. Como escreve Machado, o Senhor anunciou inequivocamente que o novo reino de Deus quis trazer uma nova relação entre os sexos, isto é superar as relações que estavam condicionadas pela queda no pecado e restabelecer a ordem originária (MACHADO, 2008, p.246).

Considerando a humanidade perfeita antes do pecado, conclui Stein que surge uma nova criação, o ser humano, à imagem e semelhança de Deus, um novo Adão e Maria, a nova Eva. Para ela, essa nova formação da alma feminina se dá como um desenlace para outras soluções, dividindo esse fim em dois: a natureza da mulher e a vocação natural.

Assim, pela sua natureza, a mulher é convocada ao papel do casamento, esposa e mãe. O seu papel de esposa é cumprir o papel de ser companheira, cuidar da família e administrar a casa. Já no papel de mãe cabe a ela todo o cuidado e desenvolver da humanidade. Tudo isso está ligado à alma e ao seu agir natural. Esses papéis não se restringem somente ao papel de esposa e mãe, mas

vão muito além dos seus limites, espalhando-se a todos da humanidade que estejam ligados à mulher.

Por vocação natural ela foi escolhida para representação mais pura e natural da sua essência, sendo fiel sempre ao chamamento de Deus e sendo aquilo que Ele quer de si. Esse processo trará a mulher para uma relação de intimidade entre ela e Deus. Nesse contexto, Edith Stein descreve as três habilidades da mulher, trazendo como seu guia a imagem da mulher forte que nos é passada pelo Antigo Testamento. Essas habilidades se encontram da seguinte forma: a sua missão segunda a natureza e a Graça, no casamento, e como esposa de Cristo.

Quando Stein faz citações das Sagradas Escrituras, é porque já tem toda uma base estrutural familiar, e sua maior inspiração e exemplo vem da mãe, mulher de uma religiosidade assídua e firme. Na imagem de sua mãe, ela se norteia e a segue como guia e modelo para sua própria maneira de ser. Isso tudo lhe serviu como um direcionamento para todo seu trabalho educativo feminino. Levando em conta toda natureza feminina, ela desenvolve toda uma pesquisa pedagógica que tem como fonte a essência da mulher e sua missão, através de características próprias da razão, desenvolvendo toda uma formação escolar.

No entanto, a preocupação steiniana era a educação das meninas, dentro da “incorporação no corpo místico de Deus”. A formação e a educação da mulher teriam como características próprias a sua feminilidade, levando em conta a sua natureza e a graça. Essa formação é um processo que ocorre de forma contínua e pessoal, que acontece dentro de toda uma dinâmica de vida que ocorre em cada ser humano, ajudando em todo um desenvolvimento e concorrendo para o crescimento pessoal. Esse trabalho formativo de educar e formar na disposição da alma do ser humano terá que ser feito de acordo com a especificação de cada um, seja feminino ou masculino³. Para Stein esse vai ser o ponto de partida para a educação da mulher. Essa educação cristã deverá ser equilibrada e proporcional de uma forma que a mulher consiga realizar seu duplo papel: natural e sobrenatural, como esposa e mãe ou na virgindade consagrada.

³ Afinal, como escreve a nossa filósofa nos seus escritos pedagógicos: “y ahora llegamos a los *principios más esenciales* [6v] del arte de la educación: el conjunto del arte de la educación tiene que ser regido por el *amor*, que se percibe en toda medida tomada y no deja lugar al temor. y el medio más eficaz de la educación no es la palabra adoctrinante, sino el *ejemplo vivo* sin el cual toda palabra carece de valor” (STEIN, 2003, p. 379).

Segundo a autora, todo estudo deve ser direcionado e adequado à natureza da mulher, seguindo sempre suas necessidades específicas. Esse deve ser o procedimento da educação feminina. As normas de avaliações devem sempre seguir de acordo com sua natureza segundo sua missão, devendo levar em conta que a alma feminina é a emotividade. Nessa emotividade irá concentrar a formação feminina, mesmo essa formação sendo feita no intelecto e sendo concluída todas as suas atitudes objetivas de valores sobrenaturais. Deve sempre está em foco e acima de todos os valores terrenos a formação religiosa da mulher e do ser humano em geral.

Reconhecemos a emotividade como centro da alma feminina. Por isso deverá pôr-se no centro da formação das mulheres a formação do emotivo [...] Mas não basta pôr-se em movimento a emotividade em geral. Em todos movimentos do sentimento há um momento valorativo: o que o sentimento apreende, isso a apreende como significativamente positivo ou negativo. [...] Trata-se, portanto, de despertar no sentimento alegria pelo verdadeiramente belo e bom, e aversão pelo baixo e vulgar. [...] Esta orientação até tomadas de posição determinadas é por sua vez um meio para formar a capacidade de discernimento. Não se pode pôr diante dos olhos somente do bom e o belo, a vida porá em contato também com o negativo, e diante disso terá que ter aprendido a diferenciá-los. Há que diferenciar o positivo e o negativo, disso de forma adequada. [...] há que educar na pureza do sentir para distinguir a aparência da realidade, e para ensinar a diferenciá-los na própria alma (STEIN *apud* MACHADO, 2008, p.260).

Para Stein, a formação humana para a mulher torna-se uma tarefa de grande exclusividade. À formação da mulher nesse caso não poderá faltas atividades como a antropologia e a teoria da formação humana (aulas de história e literatura, de biologia, psicologia e pedagogia). As outras disciplinas como matemática, ciências exatas e outras só servirão para que a moça treine sua inteligência, não se esforçando muito para não sobrecarregar suas mentes e colocar em riscos seus conteúdos objetivos. De qualquer modo, para Stein, as mulheres devem receber uma formação completa para extrair o que há de mais valioso nelas, como podemos ler na citação seguinte:

Como é possível destilar dessa matéria-prima da peculiaridade feminina, com todas as suas falhas e fraquezas (nós todos, como filhas de Eva. temos parte nelas), o modo de ser feminino purificado e valioso? Existe em primeiro lugar um bom recurso natural para esse fim: o trabalho cuidadoso e objetivo. Esse tipo de trabalho - seja ele qual for, o trabalho doméstico, um ofício, a ciência ou outro qualquer - exige a submissão às leis do respectivo objeto: a própria pessoa. o pensamento nela. os caprichos e humores precisam ficar em segundo lugar. Quem aprendeu a proceder assim tornou-se objetivo perdendo parte de seu personalismo extremado e ganhando uma certa liberdade em relação a si mesmo: ao mesmo tempo, conseguiu

passar da superfície à profundidade pelo menos num ponto, de modo que já tem onde firmar seus pés. Em vista dessa grande vantagem pessoal, abstraindo totalmente de eventuais necessidades econômicas, toda moça deveria receber uma boa formação profissional e exercer uma atividade que a ocupe plenamente depois de formada (STEIN, 1999, p. 284-285).

Para que ocorra essa escolha na formação profissional, Edith Stein fala que é necessário que se persista na educação, na formação vocacional, só assim se terá uma melhor escolha profissional. Também é necessário que essa formação do educador, no caso aqui da educadora, seja o magistério, levando em conta a natureza e a missão da mulher, essa formação só será concluída se for feita por uma mulher. Ela fala que somente as mulheres serão capazes de educar, pois só elas compreenderão as verdadeiras necessidades das mulheres⁴. No entanto, mesmo voltada para a educação das mulheres, Stein sempre teve a preocupação na formação do ser humano como um todo e na construção de uma sociedade melhor.

2.1 Vocação e Ethos profissional

Como constata a pensadora alemã, a expressão *ethos* nos emite algo contínuo, uma “atitude da alma”, algo que na compreensão do ser humano vem de dentro. No entanto, historicamente, esse termo se encontra no período Escolástico, denominado de hábitos. Essas atitudes são provenientes da alma, tendo em vista que através dela ocorre uma variação de comportamentos, que resultará na existência de hábitos inatos, adquiridos e infusos. O inato tem influência direta no psíquico, pela formação da alma, modificando o estado sentimental, tornando inconstantes, ora alegre, ora melancólico. Já o adquirido ocorre durante sua vivência e formação, e ocorre Durante toda a vida. O infuso são as virtudes divinas, sobrenaturais, que agem sobre a virtude, fortalecendo-as e constituindo na santidade do ser humano, são palavras ditas e praticadas através do divino.

Quando a ideia de hábito se particulariza em vista de um valor e se concretiza numa atitude constante, temos o *ethos* profissional que não é cumprir regras impostas de fora, ou apenas como fonte de renda, mas que

⁴ Lembremos, como chama atenção, Gelber, que: “Como professora, Edith Stein se vê confrontada com a questão da educação de meninas e moças, e como docente universitária enfrenta a tarefa de formar mulheres. As considerações em torno da didática e da lógica, [...] levam-na a investigar a essência e a missão da mulher, para assim poder estabelecer diretrizes seguras de teoria e prática da educação feminina” (GELBER, 1999, p. 17).

consiste na atuação de uma força interna que brota do consentimento prazeroso de dentro da pessoa e se expressa em atitudes de fidelidade e responsabilidade. Essa profissão é abraçada como vocação (SOARES, 2011, p. 255).

Este *Ethos* da profissão feminina já está presente na alma feminina, e que de dentro para fora vai sendo moldado e mostrando o seu lado profissional. Desde o passado já se contestam as profissões femininas, e através dos movimentos feministas vemos a luta por direito e igualdade da mulher em todas as profissões; já, por outro lado, se discute que a mulher teria apenas uma alternativa à profissão feminina: a profissão natural da mulher. Edith Stein faz uma pergunta: existe uma profissão natural da mulher e qual a atitude psíquica que ela exige? (STEIN, 1999, p. 54). Para ela, o corpo e a alma da mulher foram criados com uma especificação que está bem clara nas Escrituras: a mulher foi destinada a ser companheira, mãe e esposa, desde toda existência do mundo⁵. Para ocorrer toda a preparação em seu corpo isso corresponde à igualdade da condição da sua alma.

A atitude da mulher tem em vista o pessoal-vivente e visa o todo. Cuidar, velar, conservar, alimentar e promover o crescimento: esse é o seu desejo natural, genuíno e maternal. O inanimado, a coisa lhe interessa, precipuamente, na medida em que está a serviço do pessoal-vivente: menos em si mesma (STEIN, 1999, p. 57).

Atitude essa que já está na alma feminina, e a acompanha em todos os seus momentos, sem fazer nenhuma distinção com aquele ou aquela. A mulher sempre agirá conforme sua atitude prática e concreta. Tendo sempre em seus atos o conhecimento natural, sua sensibilidade e observação e assim consegue administrar, ser uma boa educadora de seus filhos, ainda consegue adaptar sua atitude ao homem, e ao meio em que vive, e ainda a quem cruza seu caminho. Para Stein, isso faz parte do processo natural da mulher, tendo esta, portanto, muito a ensinar a todas as pessoas.

⁵ É preciso observar aqui que ser companheira, mãe e esposa requer, necessariamente, o outro, logo, trata-se de “funções” de compartilhamento. Além disso, é sempre bom lembrar que a própria Edith Stein não foi, no sentido rigoroso dos termos ou no sentido mais comum, nem companheira nem mãe nem esposa. Sendo assim, é preciso ler essas colocações steinianas à luz do seu amor pela humanidade e de como qualquer ser humano, homem ou mulher, podem ser dotados, na sua formação, dessas qualidades consideradas femininas. Ela própria escreve: “Essa disposição habilita a mulher à função de assistente e educadora de seus próprios filhos: mas essa sua atitude básica não vale só para elas, assim ela se dirige também ao homem e a todos os seres que entram em contato com ela” (STEIN, 1999, p.58).

Segundo a filósofa alemã, esse dom da mulher está intimamente voltado a sua disposição maternal. A sua força de vivência das coisas aumenta a capacidade de quem experimenta. Assim, ela tem a função auxiliadora e educativa, acolhedora da maternidade, de quem necessita e especialmente a pessoas maduras, e assim adapta-se aos filhos de forma ao seu crescimento (Cf. STEIN, 1999, p.58).

Assim como na natureza feminina está presente a inclinação ao pecado e essa inclinação pode levar a mulher à impureza, ela, segundo Stein, deve procurar o contrário das inclinações, espelhando-se na imagem de Maria, apresentando na sua personalidade toda pureza na vocação natural de mãe e esposa. Cuidando da família e dos filhos, como Maria cuidou de Deus, o seguindo, orando e o protegendo de todo mal. Mas, podemos perguntar, de que forma a mulher caminha na direção para um *ethos* em pensamentos e ações, sem que seu impulso possa desviá-la? Ela precisa focar em um trabalho objetivo e bem feito, que a faça lutar contra as inclinações ruins.

O trabalho não deve induzir ao sacrifício da inclinação boa e pura e à especialização unilateral, à escravização por determinadas áreas—deturpação típica da natureza masculina. A harmonia e maturidade de muitas mulheres de boa formação intelectual ou que as vicissitudes da vida obrigam a abraçar uma vida profissional extenuante demonstram a eficácia desse remédio natural (STEIN, 1999, p. 61).

Nesse momento a mulher cria seu próprio desafio, que seria entrar em conciliação entre a vida familiar e o trabalho profissional, para que não perca a sua alma feminina e, no entanto, não tenha que se igualar ao homem para não ser inferior a ele.

Segundo Stein, para a mulher não existe apenas uma profissão feminina, além da natural. Não se pode negar à mulher a capacidade de exercer qualquer outra profissão além da de esposa e mãe. Nas últimas décadas, conforme Stein, já se identifica a capacidade da mulher em exercer várias profissões. Na sua visão, não existe nada que a impossibilite de fazer qualquer substituição seja na ausência de um pai, na proteção de irmã (o) ou até mesmo em cuidar de pais idosos. A mulher simplesmente se desprende de qualquer função e passa a se dedicar a essas pessoas, tornando assim seus atos os mais admiráveis. A mulher, no entanto, não tem a função somente de ser mulher, ela traz o dom e inclinações que a levam a qualquer função e em diversas atividades. Segundo nossa autora, a mulher traz no

seu ser uma predisposição que é capaz de levá-la a exercer qualquer atividade artística, científica e técnica. Essa predisposição individual pode ter atuação em qualquer área, mesmo que não corresponda à natureza feminina e, nesse caso, não se especifica como profissão feminina, pois só se pode falar de profissão feminina aquelas que estão ligadas diretamente ao caráter feminino.

Ambas as funções, o companheirismo da alma e a maternidade da alma, não estão restritas aos limites da condição física de esposa e mãe, estendendo-se a todos os seres humanos que entram no campo de visão da mulher. A alma da mulher deve ser ampla e aberta a tudo que é humano; ela precisa ser cheia de paz para que as pequenas chamas não sejam apagadas por vendavais; ela precisa ser quente para que as sementinhas frágeis não se congelem; ela precisa ser clara para que as ervas daninhas não possam alojar-se em cantos e dobras escuros; reservadas para que os assaltos de fora não ponham em perigo a vida em seu interior; vazia de si para que outras vidas tenham lugar nela; e finalmente senhora de si e de seu corpo para que toda sua personalidade esteja preparada para atender qualquer chamado. (STEIN, 1999, p. 140).

Para Edith Stein todas as profissões femininas estão ligadas às partes sociais e humanas, são sempre referentes a cuidados com doentes, à educação, à assistência, à compreensão empática do outro. Nada disso impede as atitudes da alma de acordo com a vocação natural. Nesse contexto a amplitude da mulher se estende a diversas pessoas sem que essa tenha nenhum vínculo familiar ou com sanguíneo. Compreende-se que mesmo as profissões que não atingem as exigências e propósitos femininos e que são exercidas especificamente pelos homens, a mulher pode executar sem nenhum problema. A mulher está pronta a assumir qualquer posição de trabalho, como o de assumir um trabalho nas fábricas, escritório comercial, na administração pública, nos órgãos legislativos, num laboratório químico ou num instituto de matemática. Segundo a pensadora em apreço, podemos afirmar que justamente nessas situações, em que cada um corre o risco de se transformar em peças de uma grande máquina e de perder sua humanidade, que o desdobramento da natureza feminina cria um contratempo benéfico. Ou ainda:

É o modelo da mulher na atividade profissional. Onde quer que a coloquem, ela cumpre seu serviço em silêncio e de acordo com as exigências do momento, sem esperar reconhecimento e atenção para si mesma. Atenta às circunstâncias percebe onde existe uma falha, onde alguém precisa de ajuda, intervindo então de modo imperceptível na medida de suas possibilidades (STEIN, 1999, p.64).

A participação da mulher em todos esses espaços profissionais é de grande importância e relevância, trazendo grandes benefícios à vida das pessoas tanto particular como pública. Nesse momento ela evidencia e mostra que mesmo com todas as dificuldades a mulher é capaz e consegue conciliar a vida familiar com sua profissão.

2.1.1 Profissão sem a vocação natural

Neste trecho, iremos abordar um pouco sobre o posicionamento da mulher em relação à profissão não evidenciando sua vocação natural.

Edith Stein nos mostra que mesmo com o passar dos anos, ainda existe as mesmas diferenças entre gerações e classes sociais. E que há mais de cem anos já existe essa necessidade de a mulher trabalhar fora de casa. Isso as levavam a trabalhar nas fábricas, campos e em casas de famílias. No entanto, essas atividades econômicas não eram bem aceitas, e para alguns da sociedade significavam mesmo um mal. Já nas classes média e alta, as mulheres que exerciam alguma atividade eram bem poucas, pois para essas classes essas atividades eram inaceitáveis desde a época da reforma. O ideal era que a mulher se casasse e constituísse uma família.

No decorrer de toda essa mudança econômica caiu muito a ocupação feminina nos trabalhos, fazendo com que a mão-de-obra doméstica não tivesse mais ocupação, tornando assim mais difícil ainda a vida da mulher. Com todos esses acontecimentos, a individuação e a valorização da personalidade não tinham muita importância. Nessa perspectiva, se inicia na metade do século XIX os primeiros movimentos feministas, lutando por maiores condições de formação de trabalho, e na criação de espaços que levassem as mulheres a ter mais direitos.

A maioria das moças que hoje fazem vestibular e ingressam num curso superior nem sabem quantos comícios, manifestações, petições ao congresso e ao governo foram necessários até que, em 1901, as universidades se abrissem, finalmente, também para as mulheres. Para aquelas que hoje têm entre 40 e 60 anos (e em medida maior para as profissionais mais idosas), a profissão é geralmente algo conquistado, tanto na família quanto na vida pública (STEIN, 1999, p. 160).

2.2 Educação

Edith Stein faz uma ressalva em relação a todo o sistema educacional, e diz que todo o sistema necessita de passar por uma reforma, e que a educação há décadas vive em um estado caótico, e mesmo que em alguns lugares essa reforma tenha chegado, ainda no meio de tudo isso está distante de um desenvolvimento equilibrado e com bons fundamentos. Evidencia ela que isso somente acontecerá com a experiência preparatória. Ao analisar todo esse sistema antigo que causou uma crise, conclui que sua base de conceitos era em torno da escola antiga o que desembocou na ideia baseada no iluminismo. Aquele em que o aluno teria só que aprender como se fosse uma enciclopédia. Segundo Stein, a alma não passava de uma *tabula rasa* em que deveria ser gravado o máximo, seja pela assimilação racional seja por inserção na memória (Cf. STEIN, 1999, p.136).

O posicionamento da nossa pensadora em relação a isso é que a formação não é uma base apenas de conhecimento externo, mas que a sua personalidade irá ser formada através dos conhecimentos adquiridos de fora e que será moldada.

O material a ser moldado é constituído de um lado pelas aptidões físicas e psíquica com que o ser humano nasce, pelo material que lhe é constantemente acrescentado de fora e que deve ser assimilado pelo organismo. O corpo retira esse material do mundo físico, a alma do ambiente espiritual, do mundo das pessoas e dos bens de que deve alimentar-se (STEIN, 1999, p.137).

Assim, ela fala que existe uma forma no ser humano que pode ser internamente amadurecida, e essa forma é a personalidade, uma personalidade que se desenvolve em uma característica claramente individual. No entanto, essa primeira forma se une as que vem de fora. Para que essa junção aconteça dependerá do que será fornecido ao corpo e à alma, para que o desenvolvimento seja bom ou ruim. Tendo como parte essencial de todo esse desenvolvimento de formação dos órgãos o corpo e a alma, essas informações serão absorvidas e assimiladas pelos sentidos, formados e ativados apropriadamente. Segundo a autora, esses sentidos se dão por meio de atenção, da distinção e comparação de cores e formas, sons e ruídos etc.; a inteligência por meio da tarefa de pensar e conhecer; a vontade por meio de atos volitivos (opção, decisão, renúncia etc.), a

afetividade pelas emoções etc. É, portanto, a atribuição de tarefas que vem de fora, que contribui para a formação das forças. (STEIN, 1999, p. 137).

A formação somente acontece quando as informações que vêm de fora, para o interior da alma, não sofrem apenas influência dos sentidos e pela inteligência, mas sim pela emoção. Somente assim será a alma material de formação. Deste modo, todo formador humano se confronta com duas forças formadoras: a do ambiente espiritual e a força formadora interna. No entanto, a formação da criança dependerá da orientação humana de um formador para seu desenvolvimento, já o adolescente não precisará dessa orientação, pois ele já tem sua liberdade de espírito, seu livre arbítrio, podendo assim trabalhar em seu livre desenvolvimento, podendo escolher ou recusar sua formação. Para Edith Stein, todo processo de formação dá a possibilidade das forças formadoras que vem de fora ajudar a já existente de dentro. Para que possa desenvolver esse trabalho, o formador oferece ao seu corpo físico e espiritual as possibilidades de aprendizagem, com material bastante adequado e deste modo formando e formador andam juntos.

Para poder crescer precisa assimilar algumas coisas. Vimos também que só aquilo que ela assimila internamente passa a fazer parte de seu próprio ser a ponto de se transformar em crescimento e formação; o que é assimilado apenas pelos sentidos e pelo intelecto precisa ser assimilado também pelos afetos(Cf. STEIN, 1999, p.138). Para Edith Stein, o educar vai muito além do que instruir crianças e jovens através de conceitos teóricos. Na educação ela propunha um conceito de educação que implica no educar por completo tendo em vista uma formação integral para o ser humano.

Certamente o ensino é somente uma parte da educação, particular da formação do entendimento. Sob o conceito de educação entendemos a formação de todo o homem com todas as suas faculdades e capacidades (MACHADO, 2008, p.179).No entanto, Edith Stein diz que o educador tem que ter um conhecimento do educando para poder desenvolver seu trabalho de forma correta, para isso o educador tem que ter a consciência de quem verdadeiramente ele é, e qual vai ser seu objetivo quanto ao educando, daí vai poder ajudar o educando a ser pessoa e guiá-lo àquilo que ele deve ser. Por isso, para Stein, a formação da pessoa depende de todo um conhecimento em geral do ser humano em todas as suas dimensões seja psicológica, física, emocional e espiritual.

Dados que a formação e a educação hão-de abarcar o homem interno, tanto o seu corpo como sua alma, é importante para o educador conhecer a estrutura, as funções e as leis evolutivas do corpo humano. Só assim poderá saber que pode tanto fomentar o seu desenvolvimento natural como prejudicá-lo. É também importante conhecer as leis gerais da vida anímica do homem, a fim de tê-las em conta no trabalho educativo(MACHADO, 2008, p.180)

Segundo o estudioso, tem que ser levado em conta que o homem é um ser social, e um ser que não pode viver isolado, mas permanecer, sim, em comunidade. No entanto, a educação deve ser uma forma de promover essa socialização ao meio comunitário, a escola tem que preparar o aluno para ser inserido nessa sociedade exercendo o seu papel com responsabilidade.

3 CONCLUSÃO

Neste trabalho apresentamos a filósofa Edith Stein, século XX, que tinha um pensamento sobre a educação e a formação do ser humano de uma forma integral. Tendo sempre em seus conceitos a busca pela verdade e dignidade do ser humano. Para que isso ocorresse teria que se dar atenção à formação do ser humano que seja voltada à construção de uma sociedade mais justa, tendo como preocupação a formação do masculino e do feminino, embora nosso texto tenha se detido mais neste último.

Sendo assim, focamos na formação feminina, procurando mostrar que para Edith Stein que ela teria que passar pela ordem natural chegando até uma formação cristã. Neste percurso, incluímos, também, uma pequena reflexão sobre o desenvolvimento da mulher na sua vocação natural e o *ethos* profissional.

Embora a filósofa alemã se preocupasse com a educação no sentido de um todo, nos textos selecionados, essa preocupação se torna mais evidente em relação à formação das meninas e moças, tendo também um olhar especial em relação à formação da mulher. Todo esse pensamento conduz a uma investigação que nos leva à essência da mulher e à sua missão. É preciso lembrar que Edith Stein está se dirigindo, quando fala de essência, missão e natureza femininas, a um grupo específico de meninas e moças inseridas num contexto cristão.

De toda forma, mesmo se tratando de um contexto específico, fica evidenciado a importância do ser humano como pessoa, e sua integração em todo um meio social, não podendo isolar-se do meio comunitário, mas inseri-lo e a

educação terá um papel de suma importância e na sua formação como pessoa, fazendo com que ele cumpra seu papel diante da sociedade com responsabilidade, destacando-se, aí, a educação e formação femininas.

REFERÊNCIAS

GELBER, I. *Prefácio* a STEIN, Edith. **A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça**. Bauru: EDUSC, 1999, p.9-51.

MACHADO, Antonio José Gomes. **Edith Stein: Pedagoga e Mística**. Barcelos: Editorial A. O. – Braga, 2008.

SOARES, Marly, Carvalho. A ESPECIFICIDADE DO SER FEMININO NO PENSAMENTO DE EDITH STEIN. **Kairós - Revista Acadêmica da Prainha**, Fortaleza, Ano VIII/2, Jul/Dez 2011.

STEIN, Edith. **A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça**. Bauru: EDUSC, 1999.

_____. **Escritos antropológicos e pedagógicos** (Magisterio de vida Cristiana, 1926-1933). Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2003 (Obras Completas, IV).

_____. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. São Paulo: Paulus, 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, que nos presenteou com o dom da vida, nos abençoando nessa caminhada, e nos deu a graça de lutarmos para a conquista das nossas realizações.

As minhas filhas, Taynara e Tayani, que são minha fonte inspiradora, e pela paciência que tiveram comigo, são meu maior orgulho e minha alegria.

A minha Tia (Mãe), Maria Gloriete Fernandes de Oliveira (*in memoriam*) e Cicero Vicente Cruz. Minhas sobrinhas Jessica, Gisele e Stephanie, minha cunhada Joana Darc e irmãos Carlos Alberto e Isac, que durante toda essa caminhada estiveram ao meu lado.

Ao meu amigo Eduardo Filipe, pelo tempo que estivemos juntos, sempre nos apoiando e compartilhando alegrias e dificuldades.

Aos colegas de turma e a todos que diretamente e indiretamente fizeram parte dessa caminhada.

A minha orientadora, Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, a que tive o prazer de ter como professora, e que aceitou comadar essa corrida contra o tempo e me direcionou com propriedade plena.

Ao departamento do Curso de Filosofia, a Kalina e Deyse que sempre nos receberam com muita dedicação e amizade. E a todos os professores, a quem dedico todo meu respeito, carinho e admiração.